

ÁGUA COMO COMBUSTÍVEL DE AUTOMÓVEIS, UMA ABORDAGEM DO APAGAMENTO DO CIENTÍFICO EM REPORTAGENS.

JORDY PINTO VANIEL¹; RICARDO FIGENBAUM²

¹Universidade Federal de Pelotas – jordyvaniel@gmail.com

²Universidade Federal de Pelotas – ricardo.fiegenbaum@ufpel.edu.br

1. INTRODUÇÃO

O automóvel permeia o dia-a-dia no mundo moderno, e dentro do jornalismo isso não é diferente. Segundo Marília Scalzo (2014), a primeira revista que falava exclusivamente a respeito de automóveis foi publicada na Alemanha, com o nome de *Erbauliche Monaths-Unterredungen*. A revista, entretanto, tinha formato diferente do padrão atual apontado por Scalzo, ela tinha mais semelhança a um livro em seu tamanho.

Dentro do Brasil, são poucas agências jornalísticas que procuram falar sobre automóveis, Campo Grande (2014, p. 99) aponta que as reportagens automotivas devem ser críticas e não feitas a partir de informes publicitários e *press releases* emitidos pelas fabricantes dos carros. Mendonça (2015) explica que o mercado do jornalismo especializado em automóveis se encontra, atualmente, com maior expressão, na internet.

O objetivo dessa pesquisa é analisar e estudar duas reportagens que abordam as modificações feitas para veículos serem abastecidos por água, uma das reportagens mostra uma modificação em uma motocicleta, e outra, em um carro. É apontado nessas matérias que os veículos modificados criaram benefícios econômicos ao usar a água como combustível.

2. METODOLOGIA

Esse estudo foi trabalhado com base nos conceitos apresentados por Fausto Neto (2006) a respeito de midiatização e os processos de apagamento da notícia, a partir disso será estudado a razão das experiências dessas pessoas serem midiatizadas e a ciência ser apagada.

A coleta de dados é feita através de vídeos na plataforma de vídeos gratuitos Youtube, os vídeos das reportagens são de autoria de redes de televisão locais, porém são usados por contas pessoais.

As reportagens são de duas emissoras locais, uma é de uma filial do SBT de Vitória, Espírito Santo, chamada a Tribuna, e a outra é de uma televisão chamada Nova TV, da cidade de Alagoa Nova, Paraíba.

Nas reportagens apresentadas é deixado de lado a checagem do fato da suposta invenção, e a eficiência de tal modificação automotiva em troca de uma narrativa. O que se observa inicialmente é um apagamento da ciência envolvida por trás da criação de automóveis e motocicletas, deixando em evidência a modificação apresentada, criando uma narrativa quase heroica, evidenciando uma invenção aparentemente inédita, feita por cidadãos comuns.

3. RESULTADOS E DISCUSSÃO

Os casos são apresentados como invenções inovadoras, em que é substituído um produto de alto custo, a gasolina; combustível fóssil derivado de petróleo, pela água, um produto sem custo aparente já que pode ser encontrada nas torneiras de casa, que segundo os entrevistados, funciona com uma eficiência ainda melhor como combustível do que os encontrados nos postos de abastecimento. A grande diferença é que o discurso científico é apagado pelos jornalistas, em detrimento de uma narrativa, assim como explica Neto (2008).

No Brasil, historicamente, já temos experiência com reportagens a respeito de automóveis abastecidos com água. CAMPO GRANDE (2014) explica que o primeiro automóvel do Brasil estava na cidade de Salvador na Bahia em 1871, e era movido a vapor d'água. Já nos anos 70, o engenheiro francês Jean Chambrin esteve fazendo experimentos com automóveis movidos a água junto com os militares de Porto Alegre, que segundo Contesini (2020) foram interrompidos por ineficácia anos depois.

4. CONCLUSÕES

Tendo em vista o apagamento do aspecto científico, a midiaticização sofrida pelos veículos movido a água pode ser explicada por três motivos: a grande expectativa criada pelo jornalista ao cobrir a pauta, a falta de pesquisa prévia a respeito do assunto, e a narrativa criada pelo entrevistado.

Nota-se que a confiança aferida aos meios de comunicação, de reportar a realidade dos outros sistemas, é ferida com “a capacidade auto-referencial que tem a mídia jornalística em dispor dos meios para construir a inteligibilidade sobre o mundo” Neto (2004, p. 3). Neto considera esse fenômeno como uma “construção da realidade”.

Até o presente momento, também é possível notar a ausência de estudos sobre o apagamento científico aqui no Brasil. De Oliveira (2003 p.13) explica que o acesso a informações sobre ciência e tecnologia deve ser facilitado ao grande público, já que esse se mostra interessado no assunto.

5. REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

SCALZO, Marília. **Jornalismo de revista**. 4ªed. 1ª reimpressão. São Paulo: Contexto, 2013.

Auto Papo. **[Vídeo] Carro movido a água é possível?** 04 abril 2019. Acessado em 12 dezembro 2020. Disponível em: (<https://autopapo.uol.com.br/blog-do-boris/video-carro-movido-a-agua-e-possivel/>)

MENDONÇA, Tiago. Jornalismo Automotivo no Brasil: Novas Possibilidades de Abordagem. Congresso Brasileiro de Ciências da Comunicação. Disponível em: (<https://www.portalintercom.org.br/anais/sudeste2015/resumos/R48-1350-2.pdf>). Acessado em 12 de dezembro. 2020.

CAMPO GRANDE, PAULO. **Jornalismo automotivo**/ Paulo Campo Grande – 1. Ed. – São Paulo: B4 Ed, 2014.

FAUSTO NETO, A. **Mutações nos discursos jornalísticos: ‘da construção da realidade’ a ‘realidade da construção’**. Congresso Brasileiro de Ciências da

Comunicação. Disponível em:

<http://www.intercom.org.br/papers/nacionais/2006/resumos/R1804-1.pdf>.

Acessado em 01 setembro 2020

FAUSTO NETO, Antônio. Fragmentos de uma analítica da midiatização. Revista MATRIZES, N. 2, abril de 2008.

FLATOUT. **Um Corcel movido a água no Brasil: a misteriosa (e fantasiosa) história do Projeto Chambrin**. 23 maio 2020. Acessado em 31 agosto. 2020. Disponível em: <https://flatout.com.br/um-corcel-movido-a-agua-no-brasil-a-misteriosa-e-fantasiosa-historia-do-projeto-chambrin/>.

De Oliveira, Fabíola. **Jornalismo Científico**. 3ªed. 1ª reimpressão. São Paulo: Contexto, 2019.